

ASCENSÃO E DECADÊNCIA DE RUBIÃO EM *QUINCAS BORBA*, DE MACHADO DE ASSIS

Maria Clediane de Oliveira (UERN)
cledianeoliveira@hotmail.com
Dr. Manoel Freire (UERN)
manoelfrr@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas obras escritas por Machado de Assis é constante o caráter de denúncia social, principalmente naquelas que correspondem à sua fase madura ou realista. Nelas podemos perceber que este escritor apresenta uma preocupação em representar de forma crítica e irônica os costumes, valores e a vida da sociedade em uma determinada época, mostrando, sob a sua ótica, os princípios e mecanismos que regem as relações sociais.

Em *Quincas Borba*, romance publicado em 1891, ou seja, depois que Machado de Assis havia publicado *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra que marcou uma verdadeira revolução em sua produção literária e inaugurou o Realismo brasileiro, pode-se acompanhar a possibilidade de ascensão de uma classe social para outra, as ocupações das camadas sociais mais elevadas e o jogo de interesses daqueles que procuram enriquecer, tudo isso em um tom irônico e carregado de humor.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o percurso traçado pelo personagem Rubião a partir do momento em que recebe uma herança do filósofo Quincas Borba e adentra o mundo capitalista, mudança que lhe permitiu ter prestígio social e oportunidade de frequentar os grandes salões da corte. No entanto, sua ingenuidade e incapacidade em compreender os mecanismos que regem a sociedade o tornam uma vítima e presa fácil do jogo de interesses de indivíduos que desejam subir nas escalas sociais, fazendo com que, posteriormente, perca toda sua riqueza e inicie o processo de decadência, culminando com sua morte. Utilizaremos para nossa análise os seguintes autores: Lima (1981), Xavier (1994), Senna (1998), Schwarz (2000), Scarpelli (2001), Gledson (2003), Bosi (2007) e Magalhães Junior (2008). Assim, através da trajetória de Rubião procuraremos compreender como se constituem as relações sociais, demonstrando que numa sociedade onde predomina o desejo de enriquecer e de usufruir prestígio social, somente os mais fortes e capazes sobrevivem, ao passo que os indivíduos fracos e ignorantes, como é o caso de Rubião, são derrotados e vencidos, tal como postula a teoria do Humanitismo criada pelo filósofo Quincas Borba.

1. De Barbacena ao Rio De Janeiro

O interesse é na terra o mago poderoso que modifica aos olhos de todas as criaturas as formas de todos os objetos.” (HELVÉTIUS, *apud* BOSI, 2007, p. 29-30)

Quando o leitor vê o romance pela primeira vez pode imaginar que irá encontrar uma narrativa sobre o filósofo Quincas Borba, personagem que já estava presente em *Memórias*

Póstumas de Brás Cubas. Entretanto, quando iniciamos a leitura da obra percebemos que o protagonista é Rubião, um ex-professor da cidade de Barbacena que conhece Quincas Borba e de forma inesperada herda toda sua fortuna, fato que marca o início da ascensão socioeconômica do protagonista.

Embora tenha se surpreendido com o patrimônio que recebeu do seu amigo, Rubião muito antes percebe as vantagens que a amizade com Quincas Borba poderia lhe proporcionar, tanto que tenta casá-lo com sua irmã Piedade, sem conseguir êxito devido à morte de ambos. Além disso, o ex-professor já pensava se teria uma parte na herança, como sugere o narrador em “Não tivesse a esperança de um legado, pequeno que fosse... Era impossível que não deixasse uma lembrança” (ASSIS, 2011, Cap. 10, p. 23). Rubião calculava quando poderia receber de legado, fazia planos sobre como empregar o dinheiro e temia que descobrissem a incapacidade mental do testador e anulassem o testamento. Daí a surpresa quando soube que, na falta de parentes próximos, o filósofo o nomeava herdeiro universal, incumbindo-lhe de cuidar do cachorro, cujo nome também é Quincas Borba, guardando-o dos infortúnios que, porventura, pudessem ocorrer, “nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, e roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana” (ASSIS, 2011, Cap. 14, p. 26).

Logo nas primeiras páginas podemos acompanhar as transformações que ocorreram na vida do ex-professor de Barbacena depois que se tornou rico e passou a frequentar os grandes salões e conviver com pessoas importantes daquela sociedade:

Rubião fitava a enseada – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa em Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta, mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. [...] Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça... (ASSIS, 2011, Cap. 1, p. 13).

O trecho acima nos permite refletir acerca das mudanças que o dinheiro opera na vida de Rubião. Embora na descrição o protagonista aparente estar admirando a natureza, na verdade pensava nas transformações que ocorreram possibilitando que o mesmo abandonasse sua vida pacata numa cidade do interior para frequentador assíduo dos grandes salões da corte, gozando de *status* e prestígio social. No meio desses pensamentos não deixa de imaginar também que se tivesse conseguido casar sua irmã com Quincas Borba não estaria na posição que ocupa. Tudo isso demonstra que Rubião parece ficar muito satisfeito com a morte dos dois, pois bastaria o casamento ou, posteriormente, um possível filho, para ter aniquilado qualquer possibilidade de enriquecimento do protagonista.

Esse comportamento de Rubião nos remete ao Humanitismo, corrente filosófica desenvolvida por Quincas Borba e que foi apresentada já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Para Scarpelli (2001, p. 45) “é uma mescla bufa de pensamentos filosóficos”. Schwarz (2006, p. 164) vai mais além e define essa corrente como:

a mais célebre das filosofias machadianas. Como sugere o nome, trata-se de uma sátira à floração oitocentista de ismos, com alusão explícita à religião comteana da humanidade. Os raciocínios fazem pensar em mais outras

filiações, já que em lugar dos princípios positivistas afirmam a luta de todos contra todos, à maneira do darwinismo social. [...] Humanitas é o princípio único de todas as coisas, residindo igualmente nas partes vencida e vencedora, no condenado e no algoz, de sorte que não há perda alguma onde parecia haver uma desgraça. Daí que a dor não existe nem tem cabimento.

Além de representar uma crítica às várias correntes e pensamentos filosóficos e científicos que surgiram no Brasil, o próprio nome “Humanitismo” consiste numa paródia da palavra “humanidade”. O homem ocupa o centro dessa teoria, de modo que na luta de todos contra todos, os interesses e as realizações individuais servem como justificativa para quaisquer atitudes humanas, mesmo diante do que se poderia considerar uma tragédia o que predomina sempre é a satisfação das próprias necessidades, a verdadeira desgraça é somente não nascer. Segundo os fundamentos dessa doutrina “não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum” (ASSIS, 2011, Cap. 6, p. 19). Por isso que a morte de Piedade e de Quincas Borba é apresentada como um fato necessário para que Rubião pudesse ascender socialmente, justificando, assim, sua satisfação em ter sobrevivido e se tornado o herdeiro universal. Já que não é possível todos estarem felizes e realizados ao mesmo tempo, é justo que um único indivíduo consiga a realização de seus interesses, mesmo implicando no flagelo do outro.

Quincas Borba explica as premissas de sua doutrina filosófica a Rubião por meio das mais variadas histórias. Um dos exemplos utilizados por ele para explicar o que é a morte e a vida na concepção do Humanitismo é a morte da própria avó após ser atropelada por uma sege cujo condutor estava com muita fome e atrasado para o jantar. As expressões “tinha fome”, e “precisa comer” são repetidas várias vezes dando ênfase a ideia de que o desejo de comer, de saciar seus desejos, prevalece sobre todas as coisas, e a avó era apenas um obstáculo no caminho do condutor, sendo inevitável que o indivíduo mais forte que busca sua sobrevivência e satisfação seja vitorioso.

São utilizadas ainda outras metáforas que demonstram sempre a supremacia do mais forte em relação ao mais fraco. Dentre elas a do campo de batatas é recorrente em vários momentos, inclusive nos últimos instantes vividos por Rubião:

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas (ASSIS, 2011, Cap. 6, p. 19).

Isso mostra que viver na sociedade capitalista é como se estivesse em um campo de batalha ou em uma guerra onde, na luta pela sobrevivência, somente os indivíduos fortes e aptos sobrevivem e são vencedores, ao passo que os fracos são derrotados e aniquilados. A paz acarretaria a destruição de todos, já a guerra seria a condição para garantir a vitória e a permanência de um determinado grupo, bem como o meio para que o indivíduo obtenha o reconhecimento, glória e aclamações perante os outros. Rubião, com sua ingenuidade e ignorância, não compreende completamente o sentido da metáfora, mas ao confrontar o seu passado com o presente depois do testamento, coloca-se no lugar dos vencedores, dos que

conseguiram vencer a batalha e ocupam uma posição elevada gozando de prestígio e reconhecimento, ignorando, assim, as armadilhas e o jogo de interesses que estão presentes nas relações sociais e que podem derrotá-lo a qualquer momento e fazê-lo viver o lado dos vencidos.

Na primeira vez que Rubião resolve sair de Barbacena e viajar para a Corte, conhece Palha e Sofia, com quem trava conhecimento. Esse casal consegue perceber que enquanto as expressões das pessoas que estavam no trem eram carrancudas e aborrecidas, Rubião demonstrava estar calmo e satisfeito. Na medida em que o casal se aproxima dele e vai descobrindo informações proveitosas de sua vida, começam a manifestar maior interesse: ao ouvir que Rubião poderá viajar para Europa “Os olhos de Palha brilharam instantaneamente” (ASSIS, 2011, Cap. 21, p. 32); já ao descobrir que a ida do ex-professor ao Rio de Janeiro é para tratar de um inventário “os olhos deste não brilhavam refletiam profundamente” (ASSIS, 2011, Cap. 21, p. 34), ou seja, notam de imediato que encontraram uma possível vítima para sua ambição de ascender socialmente, alguém de quem eles poderiam obter muitas vantagens. A esse respeito Lima (1981, p. 78) afirma que “a diferença que de fato os separa concerne ao código de comunicação da sociedade. Rubião lhe é absolutamente alheio; Palha e Sofia já o dominam e põem para funcionar ali mesmo, perante e às expensas do mestre-escola”. Por isso, tentou logo uma aproximação, buscando estabelecer um vínculo de amizade, tanto que, no dia seguinte, foi o primeiro a visitá-lo em sua residência.

A partir do momento em que Rubião chega ao Rio de Janeiro torna-se alvo fácil para que muitas pessoas possam tirar proveitos e vantagens. Além do casal Palha e Sofia, outros se juntam formando um grande conjunto de personagens onde cada um tem seus interesses particulares em relação ao dinheiro herdado por Rubião, e este, por sua vez, com toda sua ingenuidade, vai deixando ser enganado e ludibriado por todos.

Em 1859 Machado de Assis publicou uma crônica intitulada *O parasita*. Nela o narrador fala de certo tipo de erva que deixa a terra em busca de altas árvores para se enroscar, essa erva é a parasita. Em seguida, afirma que assim como ocorre com as plantas, a sociedade também possui os mais diversos tipos de parasitas: “Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome. É uma longa e curiosa família, a dos parasitas sociais” (ASSIS, 2005, p.25). Diante disso, podemos perceber que o comportamento das pessoas que rodeavam Rubião, como Freitas, Camacho, dentre outros, procurando tirar proveito de seu dinheiro, assemelha-se ao dos parasitas descritos na crônica.

Freitas pode ser caracterizado como um típico parasita de mesa, um dos mais comuns: “elogiava tudo, saudava cada prato e cada vinho com uma frase particular, delicada, e saía de lá com as algibeiras cheias de charuto, provando, assim, que os preferia a quaisquer outros” (ASSIS, 2011, Cap. 29, p. 38). Tornou-se um frequentador assíduo da casa de Rubião, lá almoçava, jantava, sempre bajulando e fazendo elogios, procurando mostrar que em tudo as coisas do ex-professor eram melhores, desde as simples rosas do jardim até os móveis, as bebidas, os cálices, nada escapava a sua observação. Para Xavier (1994, p. 31) ele “alimentava a vaidade daquele que o alimentava materialmente”. E Rubião inocentemente não conseguia perceber os interesses que estão por trás de cada gesto, tanto que o ajudou nas despesas quando estava enfermo e até mesmo com os custos do velório.

Camacho era outro tipo de parasita que fazia parte do círculo de amizades de Rubião. Sabendo de sua ingenuidade, não desperdiçou a oportunidade de conseguir ajuda financeira para livrar a folha *A Atalaia* do fechamento. E assim como o Freitas, procurava compensar os obséquios recebidos através de bajulações e adulações, fazendo Rubião se sentir uma figura importante no jornal e participante nas publicações para, assim, garantir que não iria lhe faltar com as contribuições.

Algum tempo depois Rubião já era uma figura muito conhecida, de modo que o número de pessoas que passaram a frequentar sua casa se tornou cada vez mais numeroso.

Aos poucos, a presença de Rubião já não era nem necessária, as refeições eram servidas sem a presença de seu dono, utilizavam os objetos, entravam no gabinete, fumavam os charutos, tomavam posse de tudo que havia ali. Quando receberam a notícia que Rubião mudaria para outra residência ficaram profundamente abalados, como sugere o trecho abaixo:

Não sucedeu assim aos amigos da casa, que receberam a notícia da mudança como um decreto de exílio. Tudo na antiga habitação fazia parte deles, o jardim, a grade, os canteiros, os degraus de pedra, a enseada. Traziam tudo de cor. Era entrar, pendurar o chapéu, e ir esperar na sala. Tinham perdido a noção da casa alheia e do obséquio recebido. Depois, a vizinhança. Cada um daqueles amigos do Rubião estava afeito a ver as pessoas do lugar, as caras da manhã, e as da tarde, alguns chegavam a cumprimentá-las, como aos seus próprios vizinhos. (ASSIS, 2011, Cap. 165, p. 187).

Nota-se, portanto, que os comensais entravam e saíam da casa como se fossem seus verdadeiros donos, explorando até o último instante os bens de Rubião. Se a princípio havia rivalidades entre eles, depois de um tempo estavam unidos através de um interesse comum, que era aproveitar a presença naquela casa gastando tudo que ainda restava. É nesse ambiente, envolto por parasitas, adutores e bajuladores de toda espécie, que Rubião vai dilacerando sua fortuna, entrando em decadência e apresentando os primeiros sinais de loucura. Senna (1998, p. 87) explica a trajetória do ex-professor da seguinte forma:

Rubião é o mais nítido exemplo do mecanismo de devoração do homem pelo homem, instrumento da ambição econômica da sociedade urbana de Palhas e Sofias, Camachos e Freitas. Tal qual os fracos e puros, é manipulado como uma coisa, exatamente por uma galeria de personagens terríveis, todos homens de corte burguês impecável, perfeitamente entrosados nos *mores* de sua classe e de seu espaço experiencial.

A vida de Rubião depois que se tornou capitalista nos permite compreender como se constituíam as relações sociais no Segundo Império, onde os princípios de grandeza e enriquecimento se sobrepõem a todos os valores morais e humanos, sendo constante o sistema de exploração em que os próprios indivíduos enxergam na figura do outro uma possibilidade de ascender socialmente, mudar de posição e, assim, galgar uma série de vantagens econômicas e financeiras. Através de Rubião conseguiam empréstimos em dinheiro, joias, camarotes, pagamento de dívidas, segundo Xavier (1994, p. 31) “Tudo fazia, ingenuamente, tornando-se vítima da exploração dos amigos”. E ainda, acreditando que todas essas atitudes eram em retribuição ao que seus “amigos” faziam por ele.

O comerciante utiliza sua esposa como um troféu, expondo para que todos possam vê-la e contemplá-la, tanto que comprava vestidos caros e roupas decotadas para que seu corpo pudesse ser admirado. Ela, “A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mais tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros (ASSIS, 2011, Cap. 35, p. 46). Assim, um fato que contribuiu muito para que seus objetivos ambiciosos fossem sendo alcançados diz respeito a paixão de Rubião por Sofia. Em relação a isso Magalhães Junior (2008, p. 227) observa que:

Sofia mantém ardilosa ambiguidade em relação a Rubião, sem desiludi-lo de todo, mas sem animá-lo demasiadamente, e nesse jogo de negações dá tempo

a que Palha o vá arditosamente despojando de seus haveres, tarefa que ele mesmo facilita, ofertando joias caríssimas à astuta mulher.

É interessante observar seu comportamento em relação à “paixão” de Rubião, pois ela não demonstra estar interessada nele, mas por não desenganá-lo completamente acaba alimentando suas esperanças, a ponto de o leitor imaginar, a princípio, que seria capaz de seduzir Rubião para conseguir mais vantagens. Em certas ocasiões, ela tem todos os seus gestos escolhidos e premeditados, como sugere o narrador nesse trecho: “A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos” (ASSIS, 2011, Cap. 35, p.45). Sendo consciente de seus dotes e de sua beleza física, os utiliza para manter Rubião por perto, recebendo presentes caríssimos e usufruindo de seu dinheiro juntamente com o esposo. Até mesmo outros personagens chegam a desconfiar e levantar suspeitas de um possível caso amoroso entre os dois, como é o caso de Dona Tonica: “Não tardou em perceber que os olhos de Rubião e os de Sofia caminhavam uns para os outros, notou, porém, que os de Sofia eram menos frequentes e menos demorados [...] Podia ser que se amassem” (ASSIS, 2011, Cap. 37, p. 47).

Há um momento no romance em que Rubião declara seu amor para Sofia. Esta, por sua vez, se surpreende de tamanha ousadia e procura encontrar uma forma de fazê-lo parar, mas ao mesmo tempo sem o irritar a ponto de afastá-lo de sua casa e perder aquela vantajosa amizade. No meio desse dilema, a própria Sofia relata ao marido a declaração que ouviu e o adverte para romper as relações com o ex-professor: “confessar que entendia, e não despedi-lo de casa, eis aí o ponto melindroso” (ASSIS, 2011, Cap. 39, p. 49). Tudo isso nos leva a entender que o seu interesse era somente seduzi-lo no sentido de cada vez obter mais vantagens e benefícios próprios e para o esposo, mas nada que pudesse chegar a uma traição. Além disso, o trecho nos sugere que diante da coragem de Rubião em se declarar, ela teme que os atos daquele homem excedessem e pudessem despertar a opinião dos outros e sujar sua reputação diante do fato de admitir a presença de alguém que está interessado nela, daí incitar Palha a acabar os negócios. Este, por sua vez, acaba convencendo a mulher que não é conveniente romper com uma amizade tão lucrativa para o casal.

Rubião acredita que Palha está fazendo seus negócios renderem e multiplicarem e que o faz porque quer vê-lo bem, deposita toda confiança nele e não consegue perceber que há por trás um grande jogo de interesses e ambição. Por meio do dinheiro do rico herdeiro, Palha e Sofia conseguem realizar seus intentos, firmar-se nos negócios obtendo grandes lucros, passam a ter *status*, prestígio e reconhecimento social, o que implica que depois que conseguem Rubião já não tem utilidade nenhuma para eles. Daí em diante, passam a tratá-lo com frieza e indiferença, buscando se distanciar e romperem o vínculo que haviam estabelecido. O ganancioso Cristiano Palha propõe logo acabar com a sociedade, argumentando que recebeu um convite para o lugar de diretor em um banco, tudo pretexto para se livrar do que considerava agora como um fardo a carregar, como sugere o narrador ao afirmar que:

A carreira daquele homem era cada vez mais próspera e vistosa. O negócio corria-lhe largo; um dos motivos da separação era justamente não ter que dividir com outro os lucros futuros. Palha, além do mais, possuía ações de toda parte, apólices de ouro do empréstimo Itaboraí, e fizera uns dois fornecimentos para a guerra, de sociedade com um poderoso, nos quais ganhou muito. Já trazia apalavrado um arquiteto para lhe construir um palacete (ASSIS, 2011, Cap. 129, p. 155).

Se na vida do casal Palha as vantagens e os lucros estavam em constante crescimento, na de Rubião trilhavam um caminho inverso. Sozinho e desprezado, agora começa a manifestar-se sua loucura latente. As constantes crises e delírios de Rubião nos permitem compreender ainda com mais nitidez os interesses que permeiam toda a sociedade e sua relação com o Humanitismo, filosofia criada por Quincas Borba, segundo a qual a vida é um campo de batalha onde só os mais fortes sobrevivem. Rubião, quando se torna rico e passa a frequentar os grandes salões da Corte, parece entender que o mundo de aparências e o dinheiro são os mecanismos que movimentam aquele ambiente, no entanto, não consegue ver que ele próprio está se tornando uma vítima desse jogo, onde somente os mais perspicazes e astutos podem sair como vencedores, como é o caso dos parasitas que rodeavam a sua fortuna, principalmente Palha e Sofia, que estavam à frente de todos eles.

Quando os outros começam a perceber o estado de saúde do protagonista, questiona o casal quanto às providências que serão tomadas, ponto crucial para vermos como o egoísmo, a dissimulação e a hipocrisia social prevalecem e o quanto o homem é tratado como um mero objeto para que o outro possa subir, depois disso tornando-se um ser insignificante. Exemplo disso é mostrado no trecho a seguir onde há a descrição da reação de Palha em relação ao que Rubião estava vivenciando:

Era rico – mas gastador. Conhecemo-lo quando veio de Minas, e fomos, por assim dizer, o seu guia no Rio de Janeiro, aonde não voltara desde longos anos. Bom homem. Sempre com luxo, lembra-se? Mas, não há riqueza inesgotável, quando se entra pelo capital; foi o que ele fez. Hoje creio que tenha pouco... [...] Era uma atrapalhão ter de cuidar do outro, de o acompanhar e, provavelmente, de recolher e gerir algum resto de dinheiro que ainda houvesse, fazendo-se curador como dissera o Doutor Teófilo. Um aborrecimento de todos os diabos (ASSIS, 2011, Cap. 158.164, p. 180.186)

Evidencia-se, então, que Palha procura isentar-se totalmente de qualquer responsabilidade pela decadência de Rubião, atribuindo o seu fracasso a vida de ostentação e luxo, esbanjando a herança que recebera, sendo que, na verdade, ele e a esposa foram os principais responsáveis para que o dinheiro fosse gasto com tanta rapidez. Agora que já haviam dilapidado sua fortuna, Rubião tornou-se um estorvo para Palha, um aborrecimento que ele não queria suportar.

Um fato que merece destaque é que no meio desse jogo de ambição e ganância em que os personagens machadianos estão mergulhados, há um que parece demonstrar preocupação com Rubião, agindo sem qualquer interesse oculto ou dissimulado, apenas o de ajudar os fracos. Trata-se de Dona Fernanda. E é justamente essa insistência de pessoas do seu mesmo nível social que faz o casal tomar alguma iniciativa, preocupar-se com o que os outros poderiam pensar, como observa Bosi (2007, p. 65) ao dizer que Sofia “precisa aparentar ‘bom-tom’ junto à amiga prestigiosa, esposa de um deputado, quase ministro e futuro presidente de província. Como nova-rica, Sofia não pode descartar publicamente certas formas de comportamento”. Assim, durante todo o tempo predomina a preocupação com as máscaras e as aparências, com a imagem que deveria passar para a sociedade, tanto que ao sair da casa de Rubião teve logo o cuidado de olhar se nenhuma pessoa a avistava num ambiente tão deplorável como aquele: “Sofia, antes de pôr o pé na rua, olhou para um e outro lado, espreitando se vinha alguém; felizmente, a rua estava deserta. Ao ver-se livre da pocilga, Sofia readquiriu o uso das boas palavras” (ASSIS, 2011, Cap. 189, p. 214).

Os delírios de Rubião vão se tornando cada vez mais frequentes e prolongados, a ponto de mandar buscar diretamente da França os bustos de mármore de dois Napoleões,

chegando a se identificar com um deles. Somente após muito tempo é que Palha tomou algumas providências, primeiro colocando-o em uma casinha simples e afastada, juntamente com o cachorro e, em seguida, internando-o em uma casa de saúde. Depois de decorridos alguns dias, Rubião foge da clínica e reaparece em Barbacena, a mesma cidade de onde veio, e é lá que ocorre sua morte:

Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça – uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

- Guardem a minha coroa – murmurou. – Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação. (ASSIS, 2011, Cap. 200, p. 219)

Portanto, esse trágico fim nos remete ao início do romance, ao momento em que Quincas Borba chama Rubião de ignaro: “a nossa intimidade permitia-me dizer palavra mais crua, mas faço-lhe esta concessão, que é a última. Ignaro!” (ASSIS, 2011, Cap. 10, p. 23). Através deste trecho percebemos que antes mesmo de morrer para o filósofo já era evidente a ingenuidade e inocência de Rubião frente aos mecanismos de funcionamento da sociedade, características que o levaram a se tornar uma presa fácil da ambição e ganância dos indivíduos ávidos por ascender a qualquer custo. A autocoroação de Rubião também é muito representativa e demonstra um dos pontos cruciais da obra: a relação entre o ser e o parecer, entre a realidade e as aparências, pois assim como a grande maioria dos personagens agem movidos por máscaras e com dissimulação, desde que chega ao Rio Rubião passa a viver conforme a necessidade das aparências, tanto que em seus últimos instantes de loucura acreditou ser Napoleão III e colocou uma coroa na cabeça que, na verdade, não passa de simples ilusão ou ainda uma forma de fugir da realidade e evitar as dores, tal qual a ideia de um mundo sem dor defendida pelo criador do Humanitismo.

Vale ressaltar que Rubião repete a frase proferida por Quincas Borba “Ao vencedor, as batatas!”, oração que pode perfeitamente ser utilizada para definir as relações sociais da sociedade capitalista e o que aconteceu com o protagonista durante sua trajetória. E como sabemos que Machado de Assis escreve cada linha de suas obras procurando denunciar a hipocrisia da sociedade em uma determinada época, nos permitindo construir o retrato do contexto sociocultural em que o nosso país estava inserido, podemos ver em Rubião a representação de toda uma nação. A esse respeito Gledson (2003, p. 96) afirma que:

Ele, pretendia que seu personagem retratasse, através de seu inconsciente e de sua incipiente loucura, os conflitos não apenas do provinciano que enfrenta uma sociedade metropolitana, despojado de armas, mas cheio de dinheiro e com uma filosofia louca, mas os conflitos com os quais estava aturdida a sociedade brasileira, mesmo em níveis dos quais essa sociedade não poderia ter inteira consciência.

Gledson defende que Rubião representa muito mais que uma classe social, mas toda a nação brasileira, mostrando através da vida daquele personagem uma alegoria do próprio

Império, aos conflitos e dilemas que a sociedade brasileira desse período estava vivenciando e dos quais não tinha plena consciência. Assim, a pacata cidade de Barbacena seria a imagem do Brasil conservador e o Rio de Janeiro do modernismo e do progresso que já representava, e a loucura de Rubião corresponderia a perda de identidade brasileira e a sua atitude em relação ao progresso.

Rubião não soube colocar em prática os princípios do Humanitismo. No entanto, quando analisamos a trajetória desse personagem percebemos que todos os postulados dessa filosofia se cumprem na vida de Rubião e em sua relação com os outros indivíduos, ou seja, ele serviu como uma cobaia para a explicação dessa teoria. Segundo ela, só sobrevivem os mais fortes, capazes e espertos, tal como a teoria da seleção natural de Darwin, de modo que é essa luta pela sobrevivência que garante a conservação da espécie, sendo os fracos derrotados e eliminados da batalha. Aplicando isso ao percurso realizado por Rubião, nota-se que o seu fim trágico representa o destino dos derrotados, dos que não souberam compreender os mecanismos que regem a sociedade, daí sua eliminação em contraste com o enriquecimento de Palha e Sofia.

Para finalizar, é importante destacar que Rubião não é o único personagem machadiano que não tem final feliz após receber uma grande fortuna, sem esforço ou trabalho. Em obras anteriores a *Quincas Borba* podemos acompanhar a trajetória de outros que não tiveram um final bem sucedido e levaram uma vida fútil e vazia. Em relação a isso Xavier (1994, p. 107) observa que a esses personagens não é dado “alcançar um fim venturoso, parecendo ser propósito do autor a concretização daquela máxima popular: ‘dinheiro não traz felicidade’. Assim, não há herói e heroína ditosos, após terem sido agraciados com algum patrimônio”. É assim que ocorre com Félix, de *Ressurreição*, que termina infeliz e solitário; com Helena, do romance *Helena*, que mesmo sendo herdeira e recebendo amor da família do Conselheiro Vale não conseguiu se livrar do remorso e acaba morrendo; Jorge, de *A mão e a luva*, que é rejeitado por sua pretendente Guiomar e se torna um fracassado; Brás Cubas, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que não tem êxito em nada que faz e não consegue se realizar, e muitos outros personagens ainda poderiam ser citados que trazem o mesmo destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto no trabalho ora apresentado, pudemos perceber através da trajetória de Rubião como se constituíam as relações numa sociedade onde cada indivíduo, na busca de enriquecimento e ascensão social, procura de todas as maneiras possíveis defender seus próprios interesses, sem importar-se com os valores sociais e humanos e, assim, formar um verdadeiro sistema de exploração do homem pelo homem.

Além de ser herdeiro universal dos bens de Quincas Borba, observamos também que Rubião se torna uma vítima da sociedade, se cumprindo em sua vida todos os princípios do Humanitismo. Segundo os fundamentos dessa filosofia só sobrevivem os fortes e capazes, sendo os vencidos eliminados da batalha. O protagonista, pensando ter entendido a lógica desse sistema cai em suas armadilhas e é vencido por Palha e Sofia - dois aproveitadores ambiciosos que depredam a fortuna de Rubião e depois o abandonam - e mais outros parasitas que vivem em busca de conseguir vantagens e privilégios através da fortuna de Rubião. Em um romance em que o ser e o parecer estão presentes em todos os episódios, o personagem principal vive seus últimos instantes acreditando ser Napoleão III em um momento de glória, se autocoroando.

O fim trágico de Rubião é similar ao de outros personagens machadianos, que após serem agraciados com uma herança, sem qualquer trabalho ou esforço, passam a viver uma vida fútil e vazia, acabando na miséria por não saberem como lidar com o dinheiro adquirido.

Portanto, conforme observa Gledson (2003), através dessa obra Machado de Assis consegue com maestria e genialidade representar o perfil de uma sociedade hipócrita, egoísta e dissimulada, preocupada com a sua imagem diante dos outros. E ao representá-la permite a construção de um retrato do Brasil, os dilemas e conflitos que a nação brasileira vivenciava mesmo sem seus habitantes estarem conscientes desse processo.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. de. **Quincas Borba**. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- _____. O Parasita. In: **Melhores crônicas**. Direção de Edla van Steen; seleção de Salete Almeida Cara. 2ª ed. São Paulo: Global, 2005.
- BOSI, A. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GLEDSON, J. **Machado de Assis: ficção e história**. 2 ed. Ver. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LIMA, L. C. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- MAGALHÃES JUNIOR, R. **Vida e obra de Machado de Assis**, v. 2: ascensão. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SCARPELLI, M. F. Narrar para não morrer: Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: **Personae – Grandes personagens da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- SENNA, M. **O olhar oblíquo do bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades. Ed. 34. 2000.
- XAVIER, T. M. **Verso e reverso do favor no romance de Machado de Assis**. Viçosa: UFV, 1994.